

## **“O CASO DA ESCOLA NORMAL”: NO RASTRO DAS CHARGES DA REVISTA O MALHO (1914-1915)**

*Helôisa Helena Meirelles dos Santos<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Investigar, através das charges, na revista ilustrada *O Malho*, o “caso da escola Normal” que ensejou a exoneração do diretor Hans Heilborn, alemão naturalizado brasileiro, no início da 1ª Guerra Mundial, naquele momento tratada por Grande Guerra. A investigação apresenta a germanofobia na cidade do Rio de Janeiro, retratada e estimulada diariamente pelos jornais cariocas, e os embates cotidianos do Diretor com normalistas e professores aliadófilos. A pesquisa desnuda a conflituosa administração do intelectual Hans Heilborn na Escola Normal do Distrito Federal, permeada pela germanofobia então existente na cidade, durante a Grande Guerra. Apresenta a liderança da imprensa para envolver a cidade, e o país, em conflito ideológico onde o Brasil só entrará oficialmente, em 1917, quase ao término da guerra. Reflete a pesquisa, a partir dos conceitos de Ricoeur (2003 e 2007) e Nora (1993), que a História está imersa e diluída na memória coletiva do olhar exterior vista então através da reapropriação do passado histórico, assim como as charges, porque os resíduos de um passado que não se foi de todo, ainda estão por aí, para serem achados. O artigo recupera também, em diálogo com Halbwegs (1990), fragmentos significativos sobre a memória da Escola Normal do Distrito Federal, apagados pelo tempo, e/ou pelo silenciamento imposto por época atípica de guerra, que pretendia olvidá-la.

As revistas ilustradas foram, desde o século anterior, o espaço propício das charges<sup>1</sup>. Mais que os jornais, onde o discurso era difundido prioritariamente de modo textual. Tinham as revistas ilustradas por característica da imagem o traço realista, que exibia os detalhes na apresentação dos personagens; o local/cenário onde o evento ocorre e a reprodução fisionômica que permitia reconhecer de quem se tratava o discurso.

*O Malho* publicou em duas edições as inúmeras confusões na Escola Normal que foram denominadas “caso da Escola Normal” ou “caso Hans Heilborn” por atribuir-se ao diretor um “perigo alemão”, a que hoje chamamos xenofobia. A xenofobia do período dava mote aos traços dos chargistas para que o prefeito do Distrito Federal não mantivesse, durante a Grande Guerra, um alemão à frente da Escola Normal. A imprensa, nos jornais, ocupou-se ininterruptamente, durante oito meses, do assunto e, de pronto, as revistas ilustradas<sup>2</sup> tomaram a si, também, o assunto tornado cotidiano.

Todos os dias havia um discurso incitatório contra Hans Heilborn através do jornal *O Século*, de Brício Filho, que era repetido, e às vezes até aumentado, pelos demais jornais e encampado pelas revistas ilustradas. O discurso contra diretor alemão

---

<sup>1</sup> UERJ, helohmei@gmail.com

mobilizou até os acadêmicos da Faculdade de Medicina e Direito que gostavam de ter uma causa a defender<sup>3</sup>.

Primeiro foi o fato de ter sido escolhido para dirigir a Escola Normal alguém de fora dela, especialmente um alemão (o fato de ser naturalizado brasileiro não era mencionado pela imprensa), quando havia um Diretor interino; depois foram os vencimentos de Hans Heilborn que era mais alto do que os de professores do educandário e, principalmente, do interino; depois foi a mudança para o Largo do Estácio, vizinho a favela e às ruas onde se praticava o lenocínio (que o jornal anunciava ser local mais próximo de Petrópolis, de onde viera Hans), ainda que a mudança fora consequência da reforma de 1911<sup>4</sup>; a seguir, o fechamento da Escola por desordem das alunas e professores do turno da noite, pelo Prefeito Rivadávia, mas atribuída ao diretor; posteriormente a proibição de entrada de pais na Escola Normal durante os Exames de Admissão; a seguir, “comentários maldosos” que teriam sido feitos por Hans às administrações anteriores e pelos quais o professor Francisco Cabrita, como ex-diretor, sentiu-se ofendido; em seguida, “atitude ríspida” de Hans ao tratar alunas e professores; posteriormente, os maus modos da aluna, Aydê Pacheco, que fora acudir a irmã, Ada Pacheco, também aluna, em crise de nervos, e fora suspensa por Hans Heilborn; e, também, ao fato de Ada Pacheco ter tido sua “moral de donzela maculada” pelo atendimento por funcionários não-médicos, a mando de Hans Heilborn; etc.

Importante compreender que o discurso da charge (político, social ou político-social), ao pretender atingir indivíduos capazes de decodificar as referências e a construção do sentido através do humor, torna seus receptores imediatos àqueles de mesma ideologia e atinge os iletrados pela imagem para ensinar-lhes. Ensina Possenti (1998), que o discurso humorístico, contido no traço e na escritura, não traz nada de novo no que diz respeito aos temas, pois todo dito é um já-dito, passando, então a ser um discurso recorrente, que apenas seria possível se tratado de forma peculiar.

A primeira charge que analiso é datada de 19 de junho de 1915, no auge do “caso Hans Heilborn”.

Pilla e Quadros (2009) ao pesquisarem sobre a análise de discurso nas charges, comentam que “o discurso de humor gráfico é uma narrativa eloquente que, ao usar recursos expressivos, possibilita uma leitura para além dos elementos superficiais do texto” permitindo novos significados do leitor ao texto, além dos concebidos pelo chargista. Atribuo a essa charge de *O Malho* esse predicado, já que há, em minha interpretação, vários temas que são abordados além do traço do chargista e das referências à Escola Normal.

Esta charge, intitulada “Ote toi de là, que je m’y mette”, utiliza o uso híbrido de linguagem para comunicar-se além da imagem - como os textos introdutório e posterior -, porque, segundo Flores (2002), o componente linguístico, em francês – no título – e em termos narrativos-dialógicos nos textos, é corresponsável, juntamente com os elementos gráficos e imagéticos, pelo grau de informatividade e poder argumentativo, persuasivo da mensagem, daí resultando o vestígio que testemunha e registra a concorrência dos signos nessa charge. Como a imagem da charge é grande e tem partes, optei por descrevê-las uma a uma. O tabloide introduz a charge “Ote toi de là, que je m’y mette”<sup>2</sup>, em pequeno texto, que lembra ao leitor notícia previamente conhecida:

As alumnas da Escola Normal revoltaram-se contra o Diretor por causa de uma repreensão disciplinar que este lhes passou com certa vehemencia. A tal respeito escreveu o *Jornal do Commercio*, do dia 15 do corrente: Enganavamo-nos hontem suppondo acabado o incidente da Escola Normal. Os elementos que estão agindo na sombra fomentaram a continuação d’esse triste spectaculo de indisciplina e o Prefeito não teve remédio senão mandar fechar o estabelecimento. – (Nossas notas)<sup>5</sup>



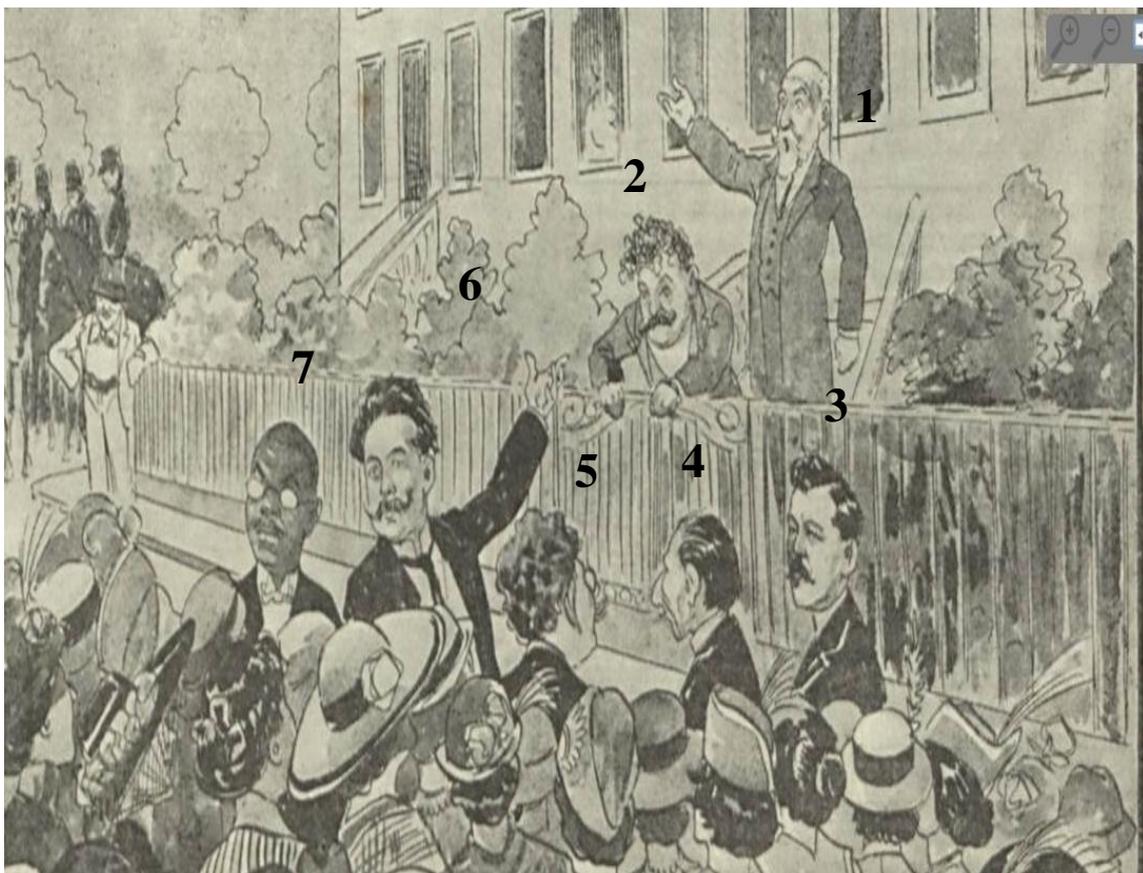
**Figura 1** - Fonte: O Malho, ed. 666 de 19 de junho de 1915 BN, Hemeroteca.

O texto introdutório transcreve notícia de outro periódico (*Jornal do Commercio*<sup>6</sup>), a partilhar que o tema é de domínio público, a testemunhar o fato, e expor

<sup>2</sup> Em tradução livre, a expressão quer dizer ninguém ocupa o lugar (a posição) do outro sem desconforto.

a posição do *O Malho* de “enganado”, o que sabia-se, não correspondia a verdade, por acreditar que “o caso da Escola Normal” tivesse sido finalizado, o que não seria sem a saída de Hans Heilborn, o que bem demonstra a notícia abaixo que relaciona-se a três jornais.

Ante- hontem, em primeira mão, demos publicidade ao serio incidente ocorrido naquela manhã no edifício da Escola Normal entre o director, Hans Heilborn, e o professor Francisco Cabrita. O incidente foi largamente comentado sendo a nossa local largamente reproduzida na imprensa matutina. Hontem *A Rua* entrevistou [...] – O que deu causa ao incidentre entre mim e o director da Escola, disse-nos o dr. Cabrita foi a nota injusta de *O Imparcial* [...] Estrangeiro, e sobretudo allemão, o sr. Hans não pode deixar de ser odiado por todos os brasileiros que nelle veêm o representante de seus bárbaros patrícios [...] O acto do prefeito collocando na directoria da Escola um estrangeiro [...] foi um acto irrefletido que deve ser annullado. Mas se esse estrangeiro é um alemão, nos tempos actuaes essa decisão do prefeito é um crime! [...] O pai da normalista Aydê Pacheco dirigiu à nossa colega *A Época* a seguinte carta: [...] (*O Século*, 14 de junho de 1915, p. 1).



**Figura 2** - Ote toi de là, que je m’y mette **Fonte:** BN, *O Malho*, ed. 666, p. 5, 10 de julho de 1915.<sup>7</sup>

A imagem ampliada da charge visualiza Hans Heilborn (1), o diretor, no centro do fato, dentro dos limites dos portões da Escola Normal, com a turba de normalistas à frente, lideradas por seus professores mais conhecidos e prestigiados socialmente, fora

do educandário. A defender o diretor, fechando o portão do educandário formador, Rivadávia Corrêa descabelado, com a tropa à esquerda e um homem - Zé Povo? – (ou um funcionário da instituição que poderia, talvez, ser o servente Abílio, acusado de cúmplice de Hans no maltrato às alunas pivôs do escândalo?) não identificável pelo chapéu enterrado no rosto, a, aparentemente, dar segurança a Hans e Rivadávia. Percebo, na figura traçada, quase todos os elementos partícipes desse jogo de poder, exceto o professor Abílio Borges, diretor interino à chegada de Hans. O discurso proferido, só decifrável a tantos quanto conheciam o caso da Escola Normal, que não pretende, por certo, levar ao riso o leitor, mas levar o leitor à refletir a partir da imagem exposta.

Por outro lado, na situação desenhada, aparecem outras, de personagens presentes na imagem, que são as vozes do traço, transcritas abaixo:

**DR. HEILBORN:** - Esse motim, sem justificação, num estabelecimento de educação, está cheirando a cavação!... **AS NORMALISTAS:** - Não pode! Não pode falar! Aqui quem manda somos nós"... **DR. CABRITA(3)** (para o diretor): Peça demissão! Peça de missão!... **ZÉ VERÍSSIMO (4):** - Isso mesmo! Ponha-se no olho da rua!... **LEONCIO CORRÊA(5):** - Bravos! Apoiado! **MANUEL BONFIM(6):**- Firme concidadãs! São nossos, somente nossos, este mundo e o outro!... **HEMETÉRIO (7):**- Muito bem! Façamos a reação da cultura ariana!... **ZÉ POVO:-** Hum!... Eu logo vi que tanto barulho era serão encomendado... **RIVADÁVIA:-** Pois, para essas encomendas o despacho é fácil: Trancas na porta!... **ZÉ<sup>8</sup>:** - Isso mesmo! Água na fervura, até ver em que param as modas!...<sup>9</sup>

A fala de Hemetério José dos Santos, professor e filólogo, defende a cultura “ariana”<sup>10</sup>, provavelmente debochativa a seus vastos conhecimentos de Filologia; a fala de Francisco Cabrita, exaltado e legalista, ex-diretor do estabelecimento, quase “proprietário” dessa instituição escolar, que sentira-se ofendido ao falar-se mal das “administrações anteriores”; a fala de José Veríssimo, ex-diretor da Instrução Pública, fundador da *Revista Brasileira*, de onde saíram os fundadores da ABL<sup>11</sup>; Leôncio Corrêa, professor de História do educandário e deputado federal, que referenda as falas de Cabrita e Veríssimo, aí marcado, também, como proprietário do periódico *Folha Popular* e ex Diretor da Instrução Pública do Paraná, visto não estar envolvido no episódio; Manoel Bonfim, diretor do *Pedagogium*, o modelo de modernidade republicano; e Zé Povo, *alter ego* do autor, que não se nomeia, que tenta entender a situação e é encaminhado, pelos intelectuais ali presentes, à defesa deles, quando ele próprio lhes dá o tom e a voz. Todas as vozes direcionadas para aqueles que pudessem decodificar o significado do traço além da imagem e da escritura, e partilhar da ideia comum acerca do fato, para que alguns sinais (signos) da mensagem possam ser

identificados pela maioria que visualiza a imagem de modo que possa receber a mensagem da charge.

Um dado relevante, e subliminar, na época onde o conflito bélico na Europa provocava partidarismo na cidade do Rio de Janeiro, do *O Malho* periódico abertamente francófilo, começa no título escolhido que proclama a charge, centralizado após o endereço do periódico, sem deixar dúvida quanto à partidarização ideológica dos comentários, que enuncia, em tipo diferenciado, uma expressão francesa: “Ote toi de là, je m’y mette”<sup>12</sup>.



Figura 5 - Local da chamada para publicação (título da charge). Fonte: *Ibidem*<sup>13</sup>

A crônica inicial da revista, à página 2, assinada por J. Bocó, não deixa dúvidas sobre o posicionamento do periódico no caso da Escola Normal, e onde percebi que o discurso não está no sentido do texto, mas nos modos e dinâmicas do texto e do discurso proferido por ocasião da produção de sentidos na charge que o antecede, textualmente:

A Escola Normal deu a norma para essas linhas, livrando o cronista<sup>14</sup> de um dos mais sérios apuros. É que não há assumpto que resista a uma analyse demorada, por estapafúrdia que seja. [...] Fechou-se a Escola Normal? Fechemos a cara... e a chronica!

A edição de nº 666, de 1915, tem várias páginas dedicadas à guerra na Europa com fotos de trincheira e de tropas inglesas, desenho do naufrágio do navio inglês Luzitânia por ataque alemão e comentários sobre os alemães, com prognósticos nem sempre realistas, como aquele que inicia a página quatorze, levando o leitor a acompanhar o conflito e as batalhas de anexação, identificando-se com o posicionamento alarmista da revista frente ao confronto, como se o leitor na Europa estivesse.

A Inglaterra será obrigada a ceder o Egypto à Turquia e as Índias à Allemanha<sup>15</sup>; a França perderá a Algeria, a Tunísia e o Marrocos; Belfort será anexada à Alsácia-Lorena; o canal de Suez ficará

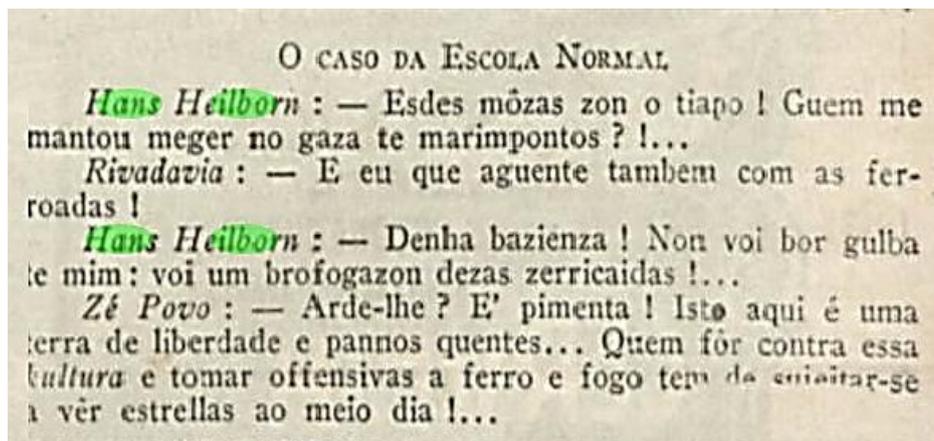
pertendo a Turquia; a Sérvia será anexada pela Áustria e a Besabarabia voltará para a Rumania<sup>16</sup>. Finalmente todos os mancebos deverão servir no exército alemão (ibidem).

Ora, a guerra acontecia com perdas e ganhos, obtidos através das batalhas, ainda não significam anexações. A denominada Batalha dos Dardanelos<sup>17</sup>, ocorrida de 25 de abril de 1915 a 9 de janeiro de 1916, por exemplo, que deve ter sido a referência do autor do texto, fechou a Turquia no início da guerra, posição que os aliados tentavam combater atacando o centro do Império Otomano, mas sofrendo um violento revés; em abril, as tropas inglesas, neozelandesas, australianas e francesas tentaram desembarcar na península de Galípoli e foram bloqueadas pelas tropas turcas. Tropas aliadas retiraram-se, morrendo neste confronto, 180 mil soldados aliados e 70.mil soldados turcos (SKRZATEK. 2014, p.285-286).

E, noutra charge, na mesma edição do periódico sem o destaque da charge anterior, já que fazia parte de quatro charges expostas juntas sobre temas diferentes, desta vez apenas o chargista retratou Rivadávia Corrêa e Hans Heilborn, e a espíá-los, Zé Povo. Zé Povo, a voz do autor, e as outras vozes, necessárias ao entendimento da imagem, refletem “sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2009, p. 16).



**Figura 2** - Abelhas **Fonte:** BN, *O Malho*, ano XIV, ed. 10 junho de 1915, p.21.



Barthes (1964) chama a esse discurso da charge, que reforça o primeiro, adotado nessa segunda charge do mesmo periódico de “posições de arranjo”, porque se baseia na troca de posição dos elementos, mantendo os traços componentes, os personagens principais e alterando a forma de aparecimento na charge. Nesse caso, o prefeito Rivadávia, a quem se dá realce e protagonismo, os marimbondos, personagens de relevo mas sem destaque no traço, Hans Heilborn, com protagonismo secundário e Zé Povo, um personagem terciário, importante para decifrar o conteúdo e emitir a opinião do autor.

Nessa charge político-social, também híbrida, conjugou o traço caricatural e texto escrito<sup>18</sup>, destacam-se os personagens principais e secundários e a narrativa escrita, que contribui para imprimir mais ironia à imagem pela impressão, ao leitor, da troça de um português mal falado pelo “estrangeiro” Hans. Um dos personagens é, como sempre, Zé Povo, representando a voz do autor que opina e que não assina a charge.

Tendo retratado, à primeira página, o prédio e as alunas da Escola Normal, esta charge passa mensagem subliminar – de que o leitor sabe do que se trata – através do uso de marimbondos saindo da colmeia – representando as normalistas e os professores da Escola Normal - que atacam impiedosamente Rivadávia e Hans Heilborn. À espreita, como que aguardando os acontecimentos, o personagem/autor, Zé Povo, emite sua opinião que toma lugar, face ao nome escolhido para veiculá-la, como o julgamento de todos os habitantes da cidade.

Aqui, mais uma vez, imbricam-se sentido e elementos paradigmáticos. O sentido é o mesmo que a primeira charge, estabelecendo-se um paradigma para o já-dito a partir da primeira, reforçando-a (intradiscurso vertical<sup>19</sup>) A representação social, para os marimbondos e Hans. A representação do estrangeiro alemão em período bélico é

explícita – mais compreensível, de agressivo deboche, características da estratégia do discurso utilizado; a representação dos marimbondos, simbólica.

A charge tem por título do texto, que a acompanha e esclarece, “O Caso da Escola Normal”. O cabeçalho, por si só, prenuncia o conhecimento dos fatos pelo leitor tornando simbólica a relação do paradigma social<sup>20</sup> e da interação com os leitores através de valores compartilhados na cidade do Rio de Janeiro. A cidade era francófila e tinha a França como berço da civilização ocidental e como tal a imitava, na arquitetura, nas vestimentas, na música ouvida nos saraus, na literatura, no vocabulário. A imprensa, em transição, de empreitada individual à grande imprensa, marcava a produção dos discursos que permitiram

reagrupar uma sucessão de acontecimentos [...], relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador, [...], descobrir [...] um princípio de coerência e o esboço de uma unidade futura[...] (FOUCAULT, 2008, p.24).

Politicamente Rivadávia Correa significava, para a imprensa, a continuação do governo Hermes da Fonseca onde, na pasta da Justiça teria [...] *tripudiado por direitos alheios, achincalhado a vontade popular, desmoralizado e desorganizado o ensino*[...](*A Rua*, 5 de dezembro de 1914, 1ª página. Tal personagem, carregado de denúncias, nomeara, como Prefeito do Distrito Federal (1914-1916), o “estrangeiro” Hans Heilborn, alemão por descendência (a naturalização dele é ignorada pela imprensa e pelas charges). Em período tumultuado, onde a cidade se modernizava e buscava civilizar-se, esses personagens eram perfeitos para veicular posições e formar modelos porque, na charge, “a produção do discurso [...] tem por função conjurar seus poderes e perigos [e] dominar seu acontecimento aleatório” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Tratados por marimbondos, objeto simbólico que produz sentidos e está investido de significância, os docentes e a alunas da Escola Normal refletem a representação que é dada socialmente aos insetos: dotados de ferrão, que não apreciam cutucadas, que se agitam e picam àqueles que se envolvem com eles ou com a colmeia (Escola Normal). Articulistas em vários jornais, os professores do educandário formador, desde sempre, discutiram assuntos do educandário em público, por isso o público é sabedor de quem são e como se portam.

### **“O Novo Anjo” d’ *O Malho***

A charge que apresento, publicada em *O Malho* – em momento posterior à saída de Hans Heilborn da Escola Normal - do conhecimento prévio do leitor - traz em seu

traço os envolvidos, direta e indiretamente, no caso que levou o diretor a pedir exoneração da Escola Normal.

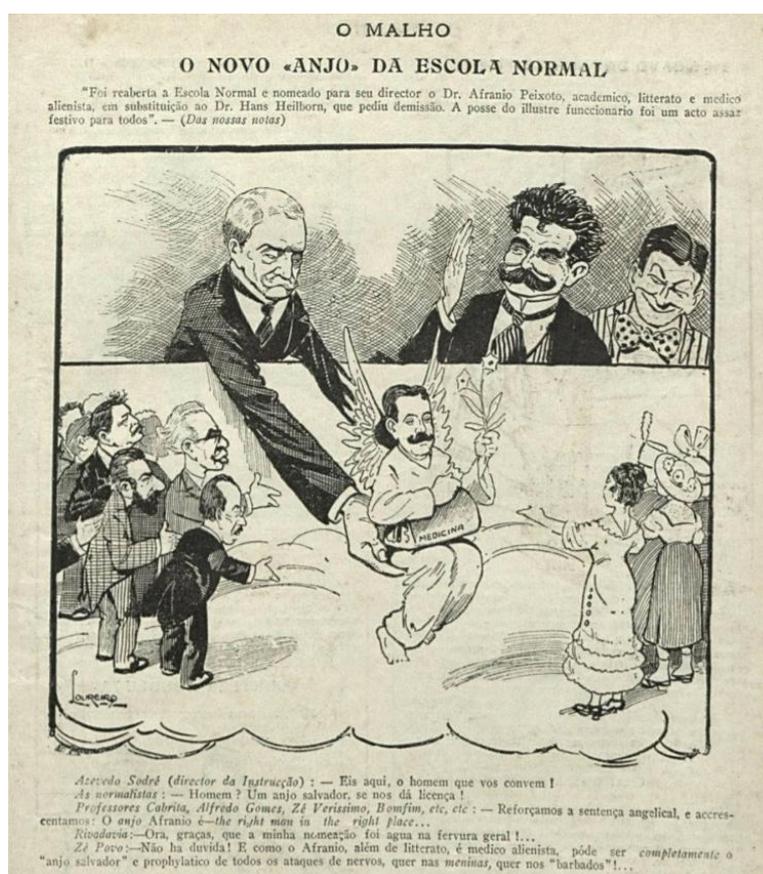
Com pequena explicação que introduz a charge, o texto de *O Malho* tem o sugestivo título de “O Novo ‘Anjo’ da Escola Normal” e foi publicada logo após a nomeação de Afrânio Peixoto como Diretor do educandário formador, substituindo Hans Heilborn.

A escolha pelo chargista inominado pelo anjo, como protagonista, tem coerência com o período bélico e a origem de Hans Heilborn. Pelo que pude pesquisar, durante a 1ª Guerra Mundial, um mês após a dura batalha de Mons<sup>21</sup>, foi publicada no *London Evening Standard*, de Londres, uma notícia que causou tremenda sensação na época e provocou uma controvérsia que ainda perdura. A notícia, escrita pelo jornalista Arthur Machen<sup>22</sup>, referia como uma pequena força expedicionária britânica, numa desproporção numérica de três para um para o exército alemão, fora, aparentemente, salva por “reforços celestiais”. Os “anjos” de Mons, como passaram a ser chamados, teriam surgido repentinamente entre os ingleses e os alemães, que se defrontavam nessa batalha. De acordo com a notícia, os alemães recuaram confusos e medrosos da força celestial possibilitando que os britânicos fugissem. Ainda que a lenda existisse como tal, o que é provável como mostram os indícios, creio que poderia ser esta a escolha do anjo para personificar “aquele que afasta os alemães”.

Esta charge é associada a dois blocos de textos que facilitam seu perfeito entendimento pelo leitor. O primeiro bloco apenas apresentando e situando o leitor, o segundo bloco estabelece as relações que se pretendiam serem entendidas, mas estão implícitas: quem entrega o anjo, quem recebe o anjo, referências à situação de guerra já amplamente noticiada, referências a um milagre celestial ocorrido na Bélgica com a primeira incursão britânica, e associação ao fato de ter saído um alemão do educandário formador.

### **O NOVO “ANJO” DA ESCOLA NORMAL<sup>23</sup>**

“Foi reaberta a Escola Normal e nomeado para seu diretor o Dr. Afrânio Peixoto, acadêmico, literato e médico alienista, em substituição ao Dr. Hans Heilborn, que pedira demissão. A posse do ilustre funcionário foi um ato assaz festivo para todos. (Das nossas notas)”.



Azevedo Sodré (diretor da Instrução): - Eis aqui, o homem que vos convém!  
As normalistas: - Homem? Um anjo salvador, se nos dá licença!  
Professores Cabrita, Alfredo Gomes, Zé Veríssimo, Bonfim, etc., etc.: Reforçamos a sentença angelical, e acrescentamos: o anjo Afrânio é - the right man is the right place...  
Rivadavia: - Ora, graças que a minha nomeação foi água na fervura geral!...  
Zé Povo: - Não há dúvida! E como o Afrânio, além de literato, é médico alienista, pôde ser completamente o "anjo salvador" e profilático de todos os ataques de nervos, quer nas meninas, quer nos barbados!...

**Figura 6** - O Novo Anjo da Escola Normal **Fonte:** BN, *O Malho*, 1915.

A charge, carregada de discurso político-ideológico, traçada por chargista não nominado da equipe de Crispim Amaral (J.Carlos, Angelo Agostini, Lobão, Guimarães Passos, L. Peixoto, Leonidas Freitas, Nássara?) mostra traços simples, não é colorida e de pronto as caricaturas identificam os personagens. A imagem inteira sugere a necessidade de uma interpretação que possibilite ver a transgressão do chargista implícita no traje do anjo.

Essa linguagem de comunicação híbrida, porque alia texto e traço, tinha, também, o objetivo de moldar o imaginário coletivo [a população da cidade do Rio de Janeiro] através da indução ao pertencimento [todos contra o alemão!] e do investimento em valores sociais simbólicos [as mulheres são histéricas, precisam de um médico que cuide de alienados!] que atuavam para o decodificador-remetente, como entrada à um grupo destacado de poder [o leitor]. Na imagem, o que me interessa para

clarificar e entender o papel xenofóbico da população ao alemão, naturalizado brasileiro, nomeado para dirigir a Escola Normal, é o imagético impresso em forma de discurso político-social<sup>24</sup>, determinante para a enunciação, completado por diálogo textual, que pode tomar por uma concepção coletiva de posicionamento político em tempos de guerra. O discurso explícito da charge leva em conta os valores religiosos em uma população maciçamente católica que se pretendia alcançar, sobre acontecimentos não explícitos ocorridos na guerra. O texto em inglês, dos professores, induz ao “anjo” de Mons, que salvou parte da tropa inglesa em inferioridade numérica frente aos alemães ou à entrada dos Estados Unidos no conflito.

Reverendo Barthes (2005), para entender os sinais e marcas impressos nas charges, refleti, sobre o vestuário apresentado no traço. Sendo o vestuário uma representação social, o vejo como a implicar valores que emprestam à imagem um segundo sentido, além do normalmente exposto. Esse sentido oculto à primeira vista, aparentemente anárquico, transparece de imediato, como “senso comum”, por isso não visualizado de pronto, mas atuante na imagem como importante fator de demarcação social e cultural. O traje<sup>25</sup>, mas também a maneira de usá-lo, de olhá-lo e de interpretá-lo transparece sempre, se detidamente analisado, como reflexo das normas sociais vigentes porque participa da construção de uma identidade de gênero, civilidade e posição social, tanto reivindicada, como imposta ou recusada e, sempre variável segundo a idade, o estatuto ou classe social.

A transgressão aparece na figura do anjo. Não porque a figura angelical de Afrânio Peixoto envergue um traje branco, para caracterizar explicitamente pureza e celestialidade, ou porque o anjo traga um ramo de lírios<sup>26</sup> que enfatiza, conforme interpretação bíblica de Mateus 6:28, 29, que “a beleza do homem não está na aparência, mas na sua confiança em Deus”. Não porque, também, seja uma imagem alada, pretendendo demonstrar, suas qualidades espirituais mais elevadas, ou sobre-humanas. Ou, ainda porque aparece trazendo na mão, também, colado junto ao corpo, a maleta médica que o texto identifica melhor, de cura para os alienados: os professores e alunas da Escola Normal, tidos como criadores de caso. Mas porque alude aos “anjos de Mons”. Essa a transgressão que se torna aceitável porque enredada com os vínculos pré-existentes

Os que recepcionam o “anjo” são professores homens, e apenas eles (ainda que existissem mulheres, professoras e mestras, na Escola Normal) menos bem vestidos, aburguesados, trajados sem ostentação de adereços que enfatizavam a virilidade e posição. O traje deles, na charge, dota os personagens de uma identidade visual

imediate, como portadora de autoridade. A autoridade transparece pelo viés dos uniformes, porque os trajes dos professores se parecem, apesar da diversidade que lembram cores e texturas. À frente dos homens que recebem o “anjo”, destacados (os demais existem, mas não são explícitos), os professores da Escola Normal Francisco Cabrita, José Veríssimo, Manuel Bonfim e Alfredo Gomes, que recebem, no texto anexo à imagem, a adjetivação de alienados de forma explícita.

Quem, com cuidado, entrega o “anjo”, tem no traje a distinção que identifica o cargo: o Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, Azevedo Sodré, representado diferente dos demais: sua posição do entregador (dos céus) indica uma posição hierarquicamente superior. A caricatura apresenta um homem ereto, discreto, sóbrio, vestido à moda europeia, trajado impecavelmente. Também aí, no traje, a transgressão do caricaturista, a difundir valores civilizatórios e aburguesados. Como afirma Roland Barthes (*ibidem*), não é apenas a roupa, mas a maneira como ela é trajada e observada que importa.

Ao lado do Diretor de Instrução, também com traje diferenciado, e em posição de distinção frente aos demais, Rivadávia Corrêa, prefeito do Distrito Federal. O prefeito tinha à época, na representação popular, autonomia de poderes. O Conselho Municipal do Distrito Federal não estabelecia limites à sua atuação por não deter prerrogativa de veto<sup>27</sup>. O personagem do prefeito sorri e parece parabenizar o Diretor de Instrução por ter ele, Diretor, encontrado a solução para os problemas da Escola Normal chamando um médico de alienados (interpretação que as “vozes” dos personagens me possibilitaram).

O povo, importante figura no caso publicizado em muitos jornais, chamado Zé Povo, apresenta-se rindo, debochativamente, em imagem onde todos são sérios, ainda que felizes. Imita o vestuário da elite, mas exhibe confusa gravata de bolinhas<sup>28</sup> em traje de listras verticais, o que o exclui de qualquer pertencimento aos grupos retratados. É a imagem do malandro carioca que se imiscui em todos os lugares a plagiar, sem muito sucesso, o traje da elite para aparentar uma distinção que não tem.

Abaixo, à direita, visualizadas, mas sem serem efetivamente retratadas, as normalistas a quem o texto confere, também, o adjetivo de alienadas<sup>29</sup>. A imagem das estudantes distoa daquela dos homens em tamanho, mostrando o “senso comum” da inferioridade feminina; diverge na forma, só duas normalistas são desenhadas. O traje da primeira moça retratada, não possui adereço algum, não ostenta refinamento e marca. As ancas aparecem como signo da desconfiança em relação ao corpo da mulher, na época representado por fonte de astúcia e erotismo, mas que frisava a feminilidade. A

segunda mulher deixa aparecer não só parte de suas pernas, que as botas ajudam a encobrir, mas suas costas.

## **Conclusão**

Era importante para a imprensa, unificar o discurso dominante de um país moderno, civilizado e francófilo nesse momento de conflito bélico na Europa. O discurso opinativo da imprensa desde o período pré-republicano mesclava-se ao discurso formativo de novos leitores “modernos” ávidos de notícias. As charges, nesse contexto de “civilização” contribuía para integrar os dois tipos de leitores, reproduzindo valores, compartilhando normas e ações que interessassem, e que pudessem, também, serem “lidas” por aqueles não alfabetizados, com credibilidade. As charges sobre Hans Heilborn recuperaram as representações sobre a Escola Normal e sobre o diretor naturalizado que, consumidas pelos leitores das páginas das revistas da época, indo e voltando no tempo, atuaram como uma lembrança, uma memória social, da temperatura da cidade e das permanências ideológicas que, mais adiante permitiram usar-se a mesma estratégia contra o ministro Lauro Müller.

A modernidade, apoiada no discurso francófilo, exacerbava-se durante a Grande Guerra na cidade do Rio de Janeiro e a imprensa usou esse discurso xenofóbico para conduzir valores que interessavam mais a uns que a outros, pois o Brasil tinha relações comerciais com todos os Estados protagonista do conflito bélico.

Percebi, nessas e em outras charges que estudei, a recorrência de representações no período: a histeria das normalistas; o desmerecimento do alemão Hans Heilborn; a necessidade de apresentar Rivadávia Corrêa em situações histriônicas; a Escola Normal como instituição de moças e portanto sempre tumultuada; os professores da Escola como homens cultos.

## **Referências**

AMPERON, Eliza. Do verbal o não verbal: o uso estratégico das tirinhas, charges e “posts” sua importância à luz dos PCN de Língua Portuguesa. *ARTEFACTUM – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*. Ano III, nº 01/2016

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. Educação Étnica: a pluralidade das propostas educacionais no estado de São Paulo. Tese (doutorado em Educação. Universidade Estadual de São Paulo. Faculdade de Educação. Campinas: Universidade Estadual de São Paulo, 2007

FLORES, Onici. A leitura da Charge. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2002

FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem, Lisboa, Ed. 70, 2007.

LOPES, Aristeu Machado. Os símbolos da República nas páginas do humor: Política e imprensa ilustrada no Rio de Janeiro dos anos 1870. *Anos 90 -Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. v. 19, n. 36, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012

MARTINS, Carlos Augusto et all. Traços libertários: As charges de Carlos Latuff sob o ponto de vista da Semiótica. Anais... XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. AM, Manaus: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, Junho/2005

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 159-176, Junho/2007

NEIVA, Eduardo. Imagem, Histórica e Semiótica. *Anais do Museu Paulista Nova Série* NQ1 1993 pp. 11-29

PILLA, Armando e QUADROS, Cynthia Boos de. Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa. Anais... IXXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PR, Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009

POCOCK, J. G. A. Linguagens do Ideário. Sergio Miceli (org.); trad. Fábio Fernandez. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SCHARZMAN, Sheila. Marc Ferro, cinema, história e cinejornais: Histoire parallèle e a emergência do discurso do outro. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 26, , jan.-jun. 2013, p. 187-203

SEYFERTH, Giralda. A Imigração Alemã no Rio de Janeiro. In: GOMES, Angela de Castro (org) História de Imigrantes e Imigração no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000

TELLES, Angela Cunha da Motta. Desenhando a nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870. Brasília: Itamaraty, Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2010

VOVELLE, M. Ideologia e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987.

---

<sup>1</sup> Para saber mais ver: QUEIROZ, Renata Sousa. História da caricatura no Brasil : um fardo nobre, cheio de memória e pertencimento. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2010

<sup>2</sup> Além de *O Malho*, também *Careta* e *Fon- Fon* ocuparam-se do tema da Escola Normal dirigida por Hans Heilborn.

<sup>3</sup> “Vários acadêmicos de medicina resolveram pôr-se à frente de um movimento de solidariedade com a opinião contrária ao Dr. Rivadávia Corrêa insistindo em manter na direção o sr. Hans Heilborn, mesmo depois do pedido de demissão feito por esse diretor” (*O Século*, 14 de junho de 1915, p. 1-2)

<sup>4</sup> Para maiores detalhes sobre a necessidade da mudança da Escola Normal ver SANTOS, 2013

<sup>5</sup> Obedecida a grafia do texto original por não obstaculizar, com a grafia, a compreensão do texto.

<sup>6</sup> Notícia que foi também comentada antes em *O Século* em 14 de junho de 1915, p.1; transcrevendo parte de notícia de *A Época*, do dia anterior; que menciona notícia anterior de *O Século* de 12 de junho de 1915, página 1. Lembro aqui a reflexão de Leite (1998) em seu estudo sobre o que é considerado notícia pela imprensa: “Ouvir o outro lado” serve também para conferir ainda à notícia uma aparência de completude, como se o jornal que a estampa tivesse coberto todos os ângulos da questão (p.147-148).

<sup>7</sup> Obedecida a diagramação da fonte (imagem/ texto).

<sup>8</sup> A que Zé alude o chargista? A Zé Veríssimo? A Zé Povo? Intencionalmente o chargista deixa a conclusão do texto à reflexão do leitor.

<sup>9</sup> Obedecida grafia e formatação da fonte.

<sup>10</sup> Não se trata aqui do sentido empregado após a ascensão de Hitler e da 2ª guerra, mas do que naquele momento se discutia no campo da Filologia, no qual Hemetério inclui-se, a invasão ariana. Estavam em discussão na Europa as pesquisas do orientalista, jurista e linguista londrino William Jones que identificou similaridades entre o grego, o latim, o gótico e o sânscrito, abrindo espaço para pesquisadores posteriores sobre as definições da teoria da invasão ariana, principalmente Max Müller e Ernest Renan, até que a Guerra Franco-prussiana começasse a mudar suas concepções. Formaram-se, desde então, duas correntes filológicas em torno da teoria da invasão linguística ariana [de aros], a saber, os invasores linguistas, defensores não só da existência da invasão linguística a partir do indo-europeu, corrente a qual, provavelmente, filiava-se Hemetério, e os anti-invasores, que se posicionam contra.

<sup>11</sup> Academia Brasileira de Letras (ABL). São articulistas da *Revista* e fundadores Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Lúcio de Mendonça, José Veríssimo, entre outros.

<sup>12</sup> Expressão que indica que alguém ocupou um lugar de outro indevidamente.

<sup>13</sup> O desenho que ostenta o cabeçalho da página demarca ser ali o local onde o malho leva longe o objeto, ou partes, batidos a frio, para torna-lo denso e elástico. É a metáfora da página/ capa das charges nesse periódico.

<sup>14</sup> Obedecida a grafia da fonte porque não interfere na compreensão do texto enunciado.

<sup>15</sup> Obedecida a grafia do documento.

<sup>16</sup> O território da Bessarabia esteve sob o controle de diversos países do Leste Europeu, resultado de guerras e conflitos territoriais no início do século XX. É uma região que ao longo da História sofreu a influência de diversos impérios, reinados e países por ser muito fértil com planícies e recursos hídricos vastos. No período em que o território pertencia à Romênia, nasceram grande parte dos imigrantes que se deslocaram para o Brasil, que foram, então, registrados como romenos. A Romênia conquistou sua independência em relação ao Império Otomano no ano de 1878, e ao término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Bessarabia foi anexada ao reino romeno (Associação dos Romenos Bessarabianos do Extremo Oeste de Santa Catarina, 2005 disponível em [http://www.romenos.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=54&Itemid=57](http://www.romenos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=57) Acesso 08/03/2016)

<sup>17</sup> Estreito que dá acesso a Istambul e ao Mar Negro.

<sup>18</sup> “Forma encarnada na história para produzir sentidos” (ibidem, p. 19).

<sup>19</sup> Intradiscurso vertical é aquele onde teríamos todos os dizeres já ditos e possivelmente esquecidos que representam o dizível o discurso (ibidem, p. 32)

<sup>20</sup> Tomo aqui por paradigma social deste período a meta civilizadora, que tinha por civilizador o modelo francês. Por conta desta opção, o conflito europeu privilegiava as informações dessa origem, dicotomizando as notícias que aqui chegavam, assim como os “inimigos” e “amigos”.

<sup>21</sup> A Batalha de Mons, na Bélgica, foi o primeiro grande combate da Força Expedicionária Britânica (BEF) na Primeira Guerra Mundial. Este confronto fez parte da Batalha das Fronteiras, na qual os Aliados estiveram frente-a-frente com os alemães na fronteira francesa. Em Mons, o Exército Britânico tentou manter e controlar a linha do Canal Mons-Condé Canal contra os avanços do 1.º Exército Alemão. Embora tenha havido renhida batalha, os britânicos acabaram por ser forçados a retirar. A retirada britânica durou cerca de duas semanas, mantendo-se as tropas britânicas nos arredores de Paris antes de contra-atacarem os alemães, juntando-se com os franceses, na Batalha do Marne.

<sup>22</sup> Arthur Llewelyn Jones (1863-1947), sendo Machen o apelido de solteira de sua mãe, foi um escritor galês que atingiu o auge da sua carreira no mundo anglófono, na última década do século XIX, com a publicação de uma série de contos que poderíamos inserir no Fantástico Vitoriano.

<sup>23</sup> Transcrição da linguagem textual.

<sup>24</sup> A que Eco (1976, p.200) denominou invenção (e que aqui tratamos por transgressão), correlacionando expressão e conteúdo que institui um vínculo até então não presente, mas que se torna aceitável (fazendo com que o não expresso possa envolver-se ao já dito e reconhecido).

<sup>25</sup> O vernáculo “traje” remonta à Itália do século XVII, cuja etimologia evoca “costume” tanto quanto o termo “terno”, em francês l’habit (ROCHE, 1989; BOUTIN-AMAUD & TASMADJIAN, 1997 apud CASSAGNES-BROQUET et DOUSSET-SEIDEN, 2014, p.1-12)

<sup>26</sup> Refere-se à Bíblia, Antigo Testamento, em Mateus 6:28,29 : “E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.”

<sup>27</sup> “O Conselho Municipal do Distrito Federal (órgão Legislativo local) não reuniria condições de estabelecer limites à atuação do prefeito, já que não gozava da prerrogativa de veto às medidas por ele propostas, atribuição delegada ao Senado” (PINTO, 2015, p.22)

<sup>28</sup> O malandro [...] mistura trajes simples e burgueses, constitui um tipo urbano, malandro, que convive em vários locais se camuflando e se apropriando dos costumes.[...] (AUGUSTO, 2013, p. 12)

<sup>29</sup> As representações modelares de mulher divulgadas pelos higienistas conformam o discurso que associa a identidade feminina normal com lugares sociais bem definidos: o papel de mulher-mãe, preocupada com a educação e saúde física e mental de seus filhos, e ao papel de esposa, que “sublima” suas vontades pelo bem maior: a família e, por extensão, a nação. (CUPELLO, 2013, p. 61)